



Marcelo Freitas*

A educação e as profissões que ainda não existem

Assisti recentemente a um vídeo que, dentre outras coisas, alertava as escolas para uma situação muito séria. Elas estão formando pessoas para atuar num mercado de trabalho cuja maioria das profissões ainda não existe. É isso mesmo. A rápida mudança e o processo de inovação tecnológica cada vez mais veloz têm tornado o mundo do trabalho altamente mutante. O mesmo vídeo também afirmava que o conteúdo ensinado pelas escolas no primeiro ano de um curso já está obsoleto ao final dele.

A revolução tecnológica não trouxe consigo apenas o avanço nos meios de comunicação e de processamento da informação. Na verdade, ela foi muito além. No rastro dessa explosão de bits e bytes, o mundo do trabalho presenciou a extinção de uma série de profissões, enquanto diversas outras iam sendo modificadas, e outras tantas, criadas.

Assim é que, num movimento silencioso, uma série de novas profissões veio despontando no horizonte. O nicho educacional, por exemplo, é um dos que estão passando, de maneira mais contundente, por esse movimento.

Nesse segmento, estático e de difícil mutação, essa metamorfose já se fazia sentir, de fato, desde anos atrás. Em artigo publicado em 2001, na *Linha Direta*, intitulado *Novas tecnologias, nova educação, novas profissões*, alertei para o fenômeno do surgimento dessas novas profissões, no âmbito das escolas. Dentre outras, citei o aparecimento de carreiras como as de arquiteto escolar; designer instrucional; especialista em logística educacional; professor virtual e instrumentador educacional. Hoje, elas já são uma realidade nas escolas, não propriamente com esses nomes, mas certamente com as funções inerentes a cada uma.

Diante do burburinho de métodos e novas tecnologias, as escolas passaram a demandar “educadores” mais familiarizados com os multi-meios emergentes e sua adequação às diversas teorias educacionais. O fato, entretanto, é que a coisa não para por aí. Um olhar atento dos gestores educacionais para fora dos seus domínios certamente apontará para outras demandas nesse mesmo sentido. Um bom exemplo é o que a onda verde e a consciência socio-ambiental estão fazendo.

Auditor de energia, professor de sustentabilidade e especialidades na área de engenharia começam a ocupar seu lugar entre as chamadas *profissões sustentáveis*. São as carreiras verdes, emergindo num mercado que começa a exigir formações específicas. Um estudo realizado pelo Green Building Council dos EUA estima que os projetos de construção ambientalmente corretos acrescentaram 7,9 milhões de empregos verdes e US\$ 554 milhões para a economia americana até 2012. Imagine isso pelo resto do mundo.

Nas carreiras de engenharia, por exemplo, os profissionais são necessários em projetos de construções “verdes”, como diz Tad Radzinski, presidente da Sustainable Solutions Corp, empresa de consultoria verde em Royersford. Os engenheiros civis podem ajudar a determinar o melhor local para um prédio verde e projetar sistemas para lidar com o escoamento da água, um fator importante em design ecológico. Eles também têm de fazer a gestão de águas pluviais, porque muitos dos trabalhos de construção verde consideram a forma como a água da chuva é gerida e tratada.

Na área comercial, o vendedor de equipamentos para energia eólica é mais um emprego do futuro. Com

instituições fornecendo créditos fiscais de até 30% do custo de sistemas de energia renováveis, tais como turbinas eólicas, não é nenhuma surpresa que muitas pessoas estejam encontrando empregos verdes como vendedores de equipamentos dessa natureza.

Assim é que, quanto mais atenção é dispensada aos empregos verdes, mais centros de formação voltados ao segmento estão surgindo, como o Green Education Services, uma empresa sediada em Nova Iorque, que oferece formação em tecnologia de construção verde e auditorias energéticas. Daí a demanda lógica por esses profissionais.

Aqui no Brasil, recentemente, uma revista de negócios de grande circulação nacional divulgou uma série de matérias versando sobre o que ela chamou de *preço da ignorância*. São dados contundentes. Irrefutáveis. O Brasil, quando comparado a outros países emergentes, toma uma verdadeira surra dos seus concorrentes. Em todos os quesitos. O

fato mais significativo e preocupante, demonstrado pelas matérias, é que o brasileiro aprende muito pouco na escola. E o pior é que, pelo modelo educacional vigente, além de carregar essa herança por toda a vida, ele tende a repassá-la para as gerações seguintes. Formamos para o futuro olhando pelo retrovisor. Reproduzimos e repassamos conhecimentos supérfluos e inaplicáveis, enquanto deixamos de lado competências que farão a diferença lá na frente. Numa economia globalizada, baseada no conhecimento, repetir o que já foi feito não faz parte do receituário de quem quer progredir, seja um profissional ou um país.

O emprego do século XXI requer habilidades mentais, raciocínio rápido, capacidade de análise e interpretação das informações. Não é por menos que convivemos com o paradoxo de milhões de desempregados de um lado e uma grande quantidade de postos de trabalho vagos do outro. Empresários de todos os setores mostram-se perplexos com o baixo nível da qualidade dos profissionais





que são colocados no mercado de trabalho. Eles são o produto final de anos nos bancos das escolas.

O fato é que não se pode mais esperar. Chegou a hora de romper alguns paradigmas e considerar a introdução de pontos de ruptura no modelo desgastado que hoje aplicamos. Só para se ter uma ideia, mantido o ritmo atual da nossa educação, segundo a UNESCO, o Brasil demorará mais de 30 anos para alcançar o nível educacional que as maiores economias têm hoje. Daí que nós, brasileiros, precisamos tomar alguns atalhos, se quisermos avançar a passos mais acelerados que os demais. Nada mirabolante, mas inovar tem de ser a palavra de ordem.

Começemos pela gestão das escolas. Ao gestor cabe observar o que o mercado demanda (país, economia global, sociedade) e, a partir daí, projetar o seu produto. Desde o formato até a embalagem e a logística de distribuição. A pergunta é: que habilidades um jovem deverá ter para ingressar no mercado de trabalho daqui a 15 ou 20 anos? Como será o ambiente e as relações a que estará submetido? E a tecnologia, o que demandará de

competências? Apenas esse olhar para o futuro, e não mais para o passado, como acontece hoje, já seria suficiente para mudar completamente as metodologias e os conteúdos vigentes.

Mas não pode parar aí. O gestor deverá se perguntar como levar esses conceitos e habilidades até o seu cliente: o aluno. Qual a logística mais adequada? Que canais utilizar? Ao responder a essas perguntas, vai verificar que, nesse particular, o fator humano será primordial, pois demandará reformular todo o sistema de formação dos docentes, focando no conceito do aprender-desaprender-reaprender. Nada de verdades vitalícias. Nada de impor conteúdos ou repassá-los adiante. O que importa é trabalhar em conjunto com os alunos, viabilizando alternativas de pesquisa e incentivando a descoberta.

Ainda em relação ao gestor, cabe-lhe organizar a instituição dentro de novos paradigmas de gestão e sustentabilidade. Trabalhar com dados e fatos. Utilizar sistemas informatizados de gestão e modelos inovadores de planejamento, de estrutura organizacional e de práti-

cas de gestão de pessoas. Essas são iniciativas fundamentais.

Finalmente, em relação à estrutura física, cabe repensar, além do modelo de escola como um todo, a dinâmica e a arquitetura de uma sala de aula, em particular. Repensar os espaços de aprendizagem. Pergunto: como a escola se propõe formar um profissional que trabalha em equipe se, durante toda a sua vida acadêmica (ou pelo menos 80% dela), ele permanece enfileirado na sua carteira, sem poder conversar ou trocar ideias com o colega ao lado, sob pena de ser repreendido pelo professor?

Enfim: se você, gestor educacional, está de olho no futuro, é bom começar a organizar sua escola para enfrentar esse novo desafio, pois é um caminho sem volta. Comece agora a se preparar. E, se a tarefa se mostrar difícil demais, no mínimo você pode escolher uma nova carreira, entre as tantas que surgem a cada momento. ■

*Consultor da *Linha Direta*, diretor da Corporate Gestão Empresarial

www.corporateconsultoria.com